

Pensamento Visual no Design Prospectivo

Frederick van Amstel @usabilidoido
Programa de Pós-Graduação em Design Prospectivo
PPGDP - UTFPR

*A **palavra**, e o pensamento
simbólico mais amplamente, é
historicamente usado para
oprimir. Quem domina o **outro**,
domina a palavra.*

*A palavra também é
historicamente usada para a
libertação, porém, nesse caso, ela
aparece como um meio e não
como um fim em si mesma.*



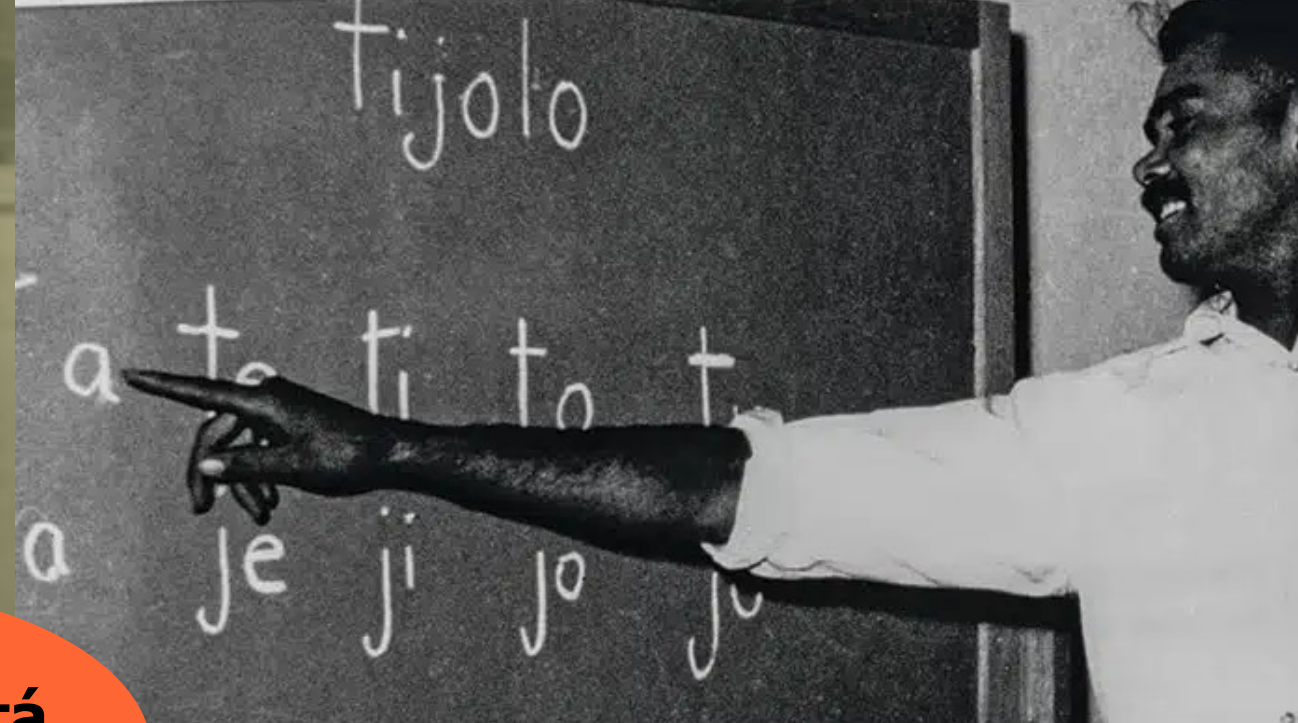
Este é Paulo Freire (1921-1997), um educador brasileiro que lutou para que os oprimidos pudessem dizer a sua palavra.



Por oprimido, ele entendia as pessoas que não podiam votar por não saber ler e escrever (40% da população brasileira na época).



**Que que tu tá
escrevendo aí?**



TU JÁ LÊ

Ele desenvolveu um método de alfabetização baseado em pesquisa participativa, codificação visual, palavras geradoras e diálogo.

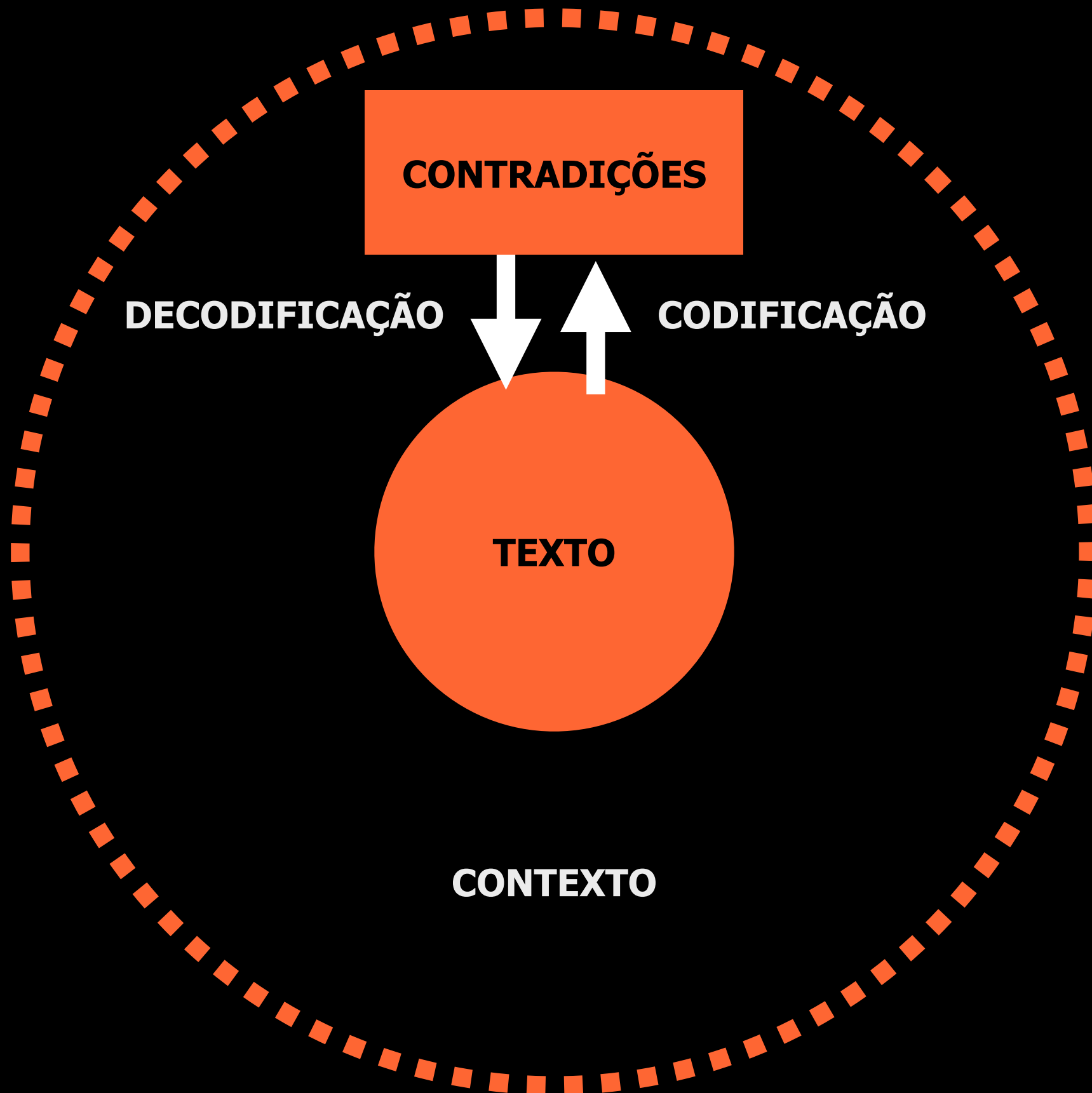


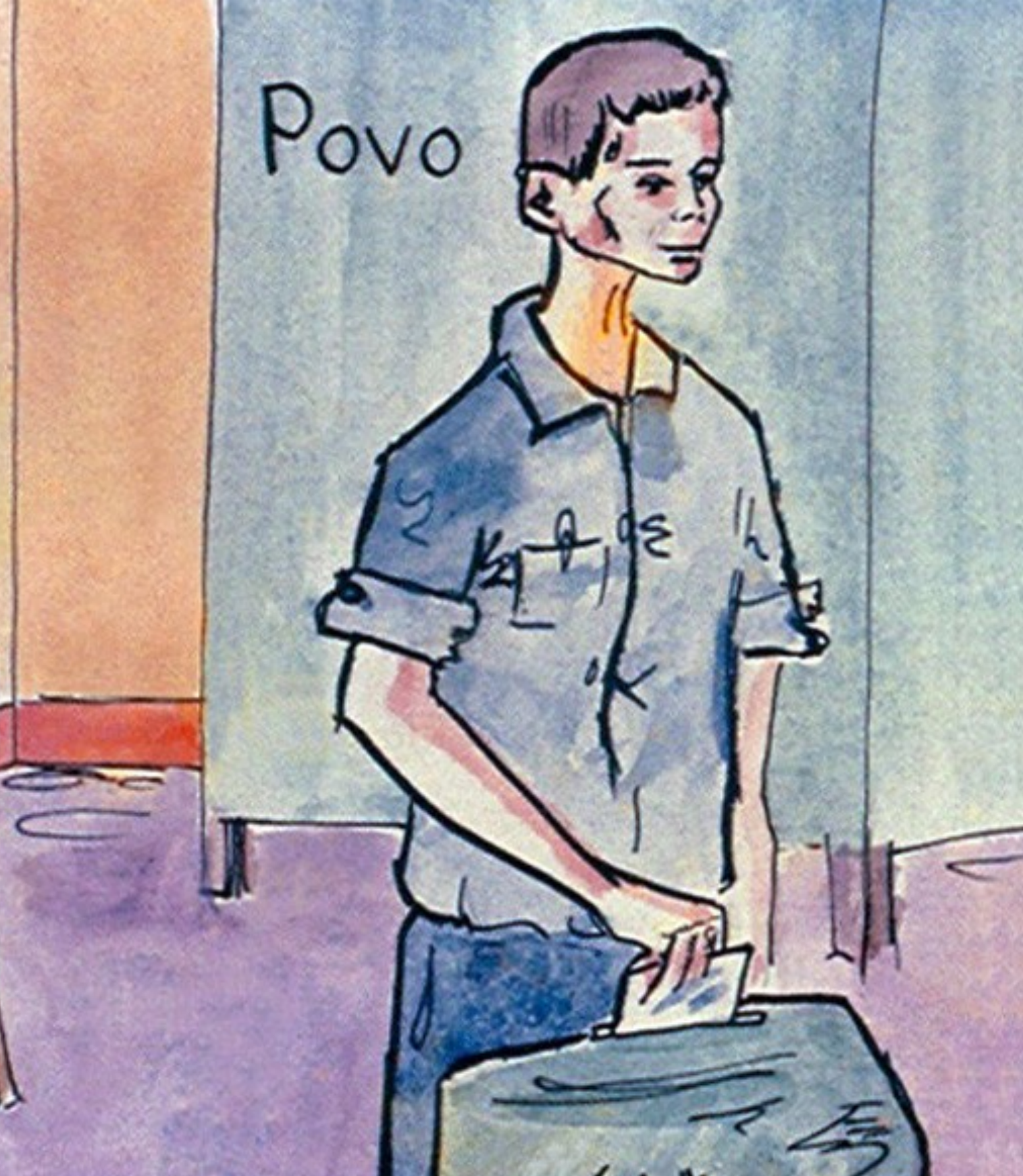
As imagens projetadas codificavam as contradições encontradas em situações concretas existenciais já vividas pelos estudantes.

‘No fundo, esse conjunto de representações de situações concretas possibilitava aos grupos populares uma leitura da leitura anterior do mundo, antes da leitura da palavra.’

Paulo Freire (1982, p.11)

Método Paulo Freire





po _ vo

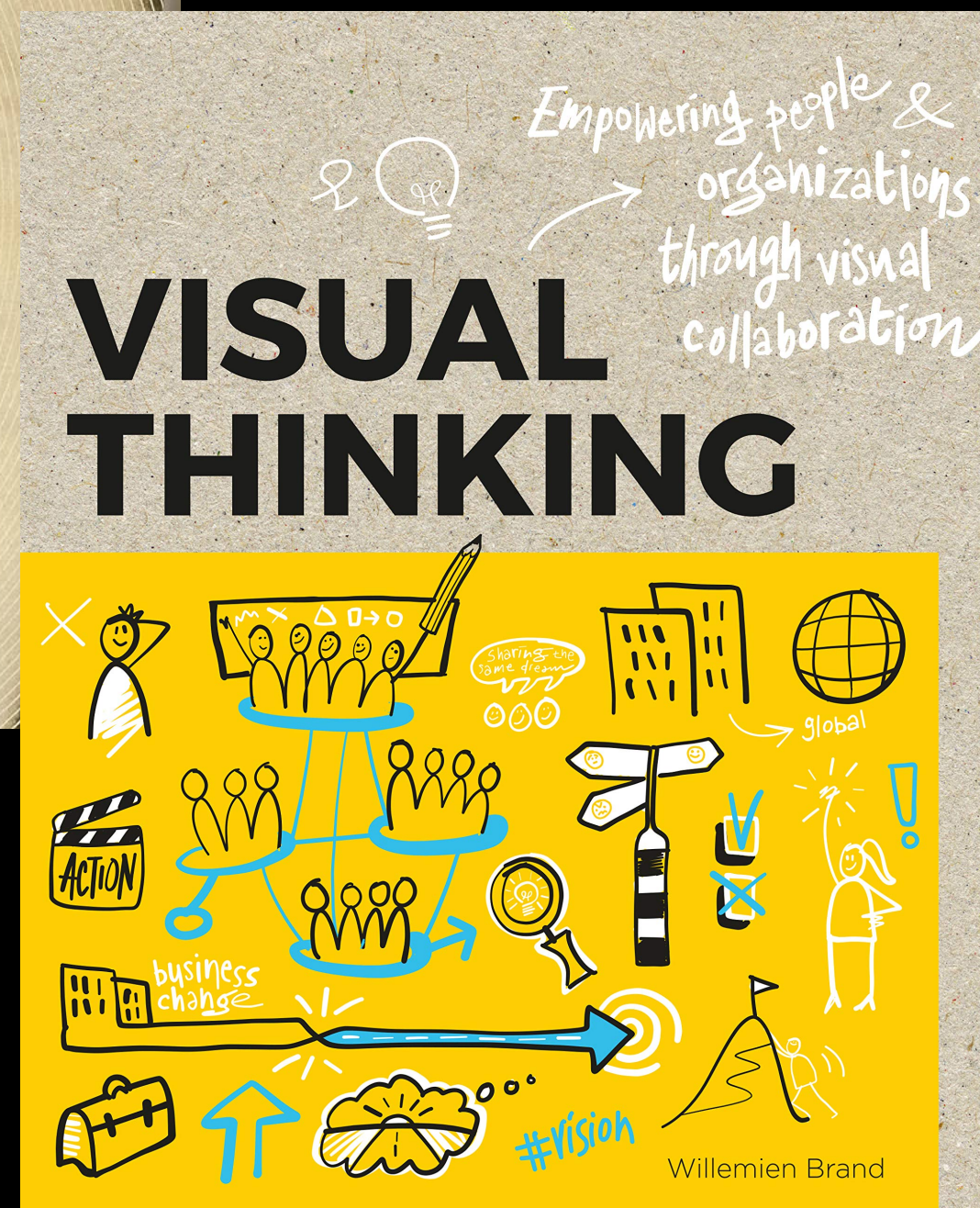
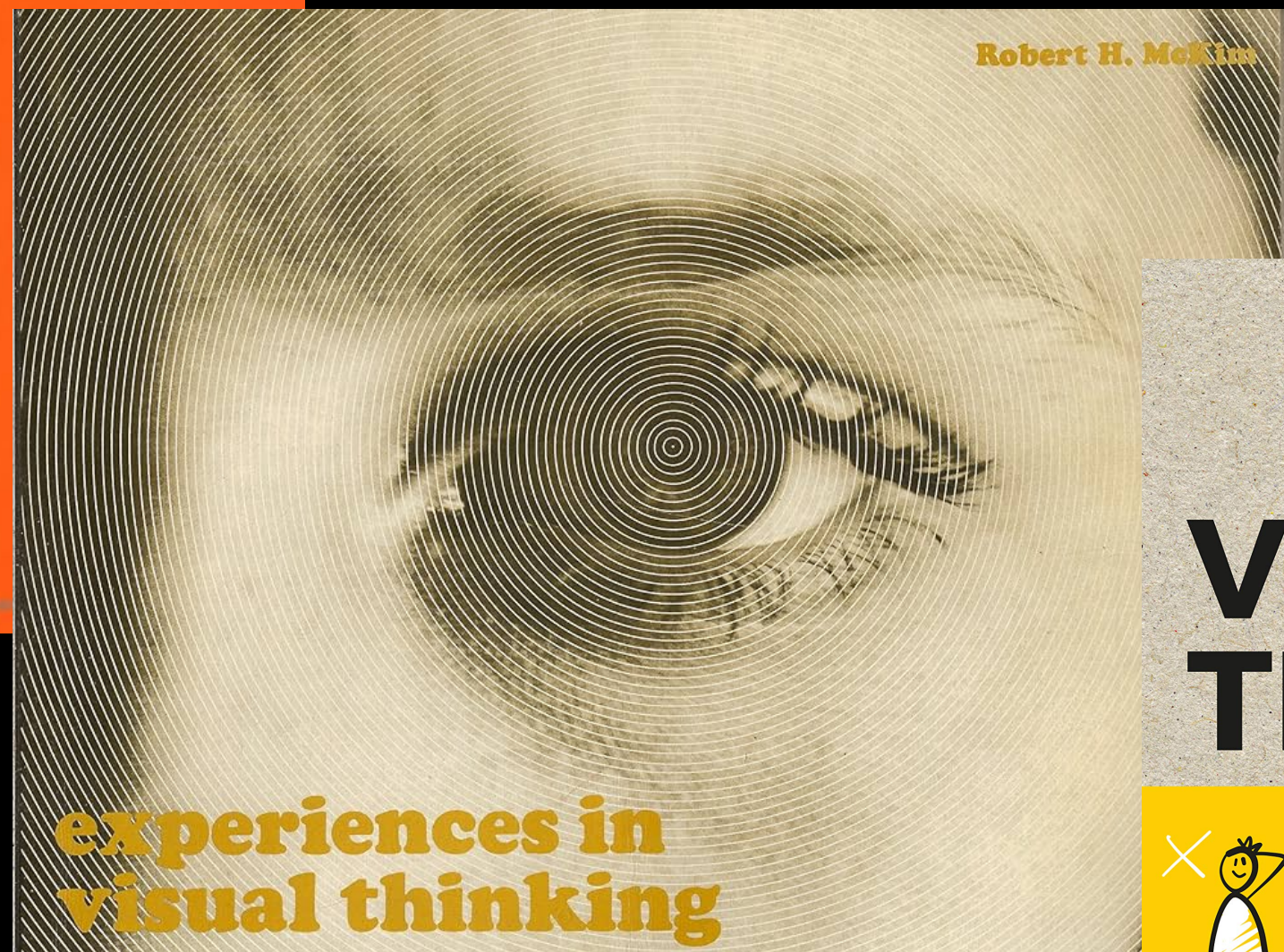
vo _ to

As contradições da sociedade (os temas geradores) são codificados em imagens e depois em palavras.

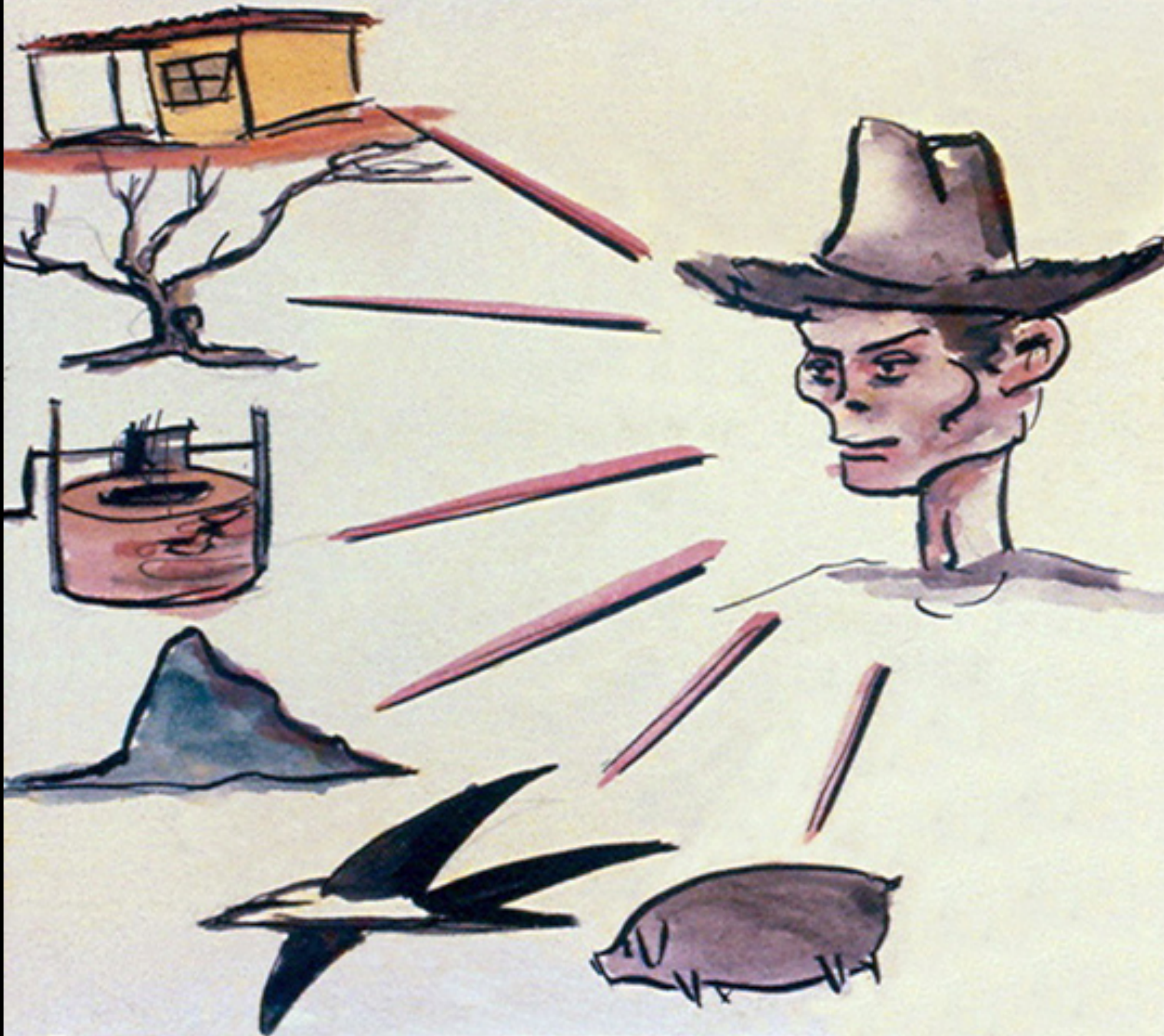
*Paulo Freire já utilizava em
seu método de alfabetização
política o que chamamos nos
Estudos em Design de
pensamento visual.*

Visual Thinking

RUDOLF ARNHEIM



Imagens também são mediações
efetivas para pensar, inclusive,
para pensar junto.



A primeira imagem utilizada em Angicos (1963) já utilizava o recurso do diagrama para expressar o que é cultura.

"Cultura não é apenas o que o homem faz, não é só o resultado da criação humana — seja de algo material ou de algo espiritual, como a música de que falei, ou poema, etc. Cultura também é a aquisição da experiência humana. Como é que nós podemos adquirir assim de modo permanente em caráter crescente a experiência humana? Aprendendo a ler e aprendendo a escrever."

Paulo Freire (1963, p.8)



Um guia para aplicação de
dinâmicas de *desenho*
colaborativo em cursos de
design e áreas afins

por
Stephania Padovani
Juliana Bueno

UFPR | DDesign | 2022

Pensamento visual é um tema muito caro para as nossas
colegas do PPGDesign da UFPR.

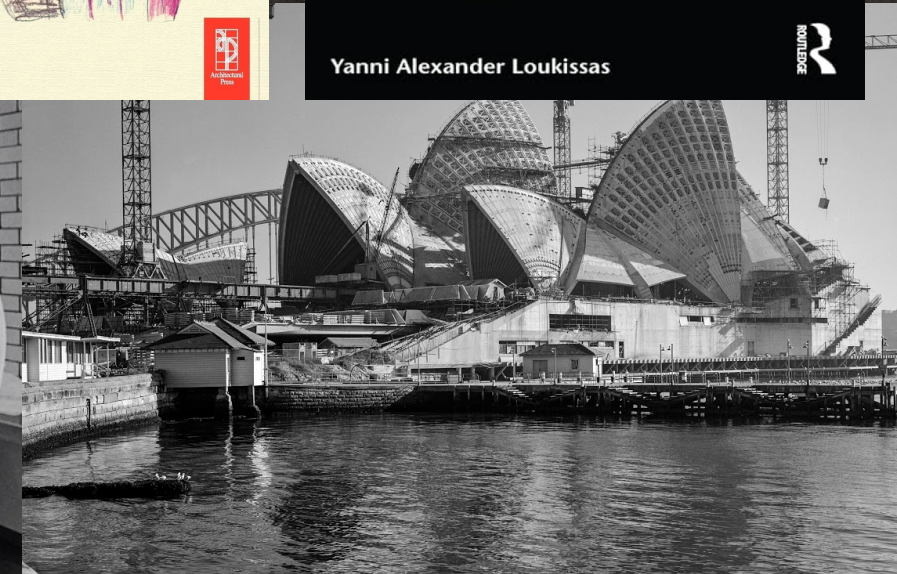
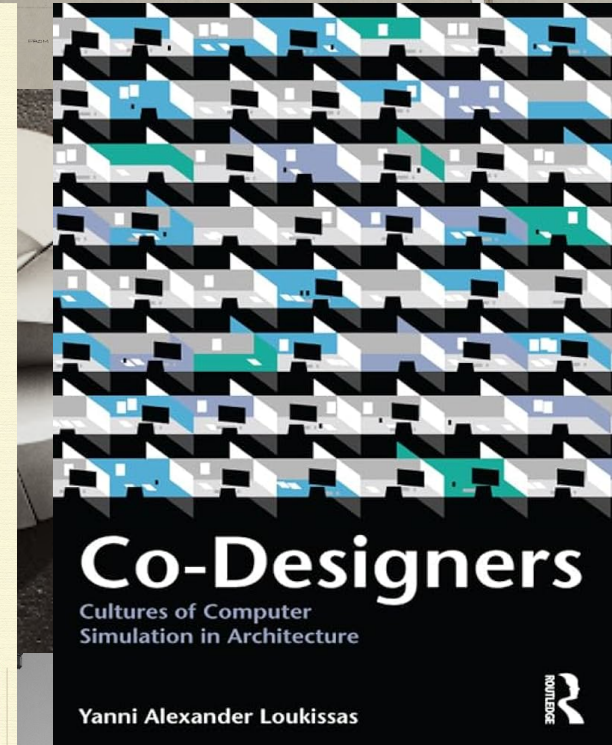
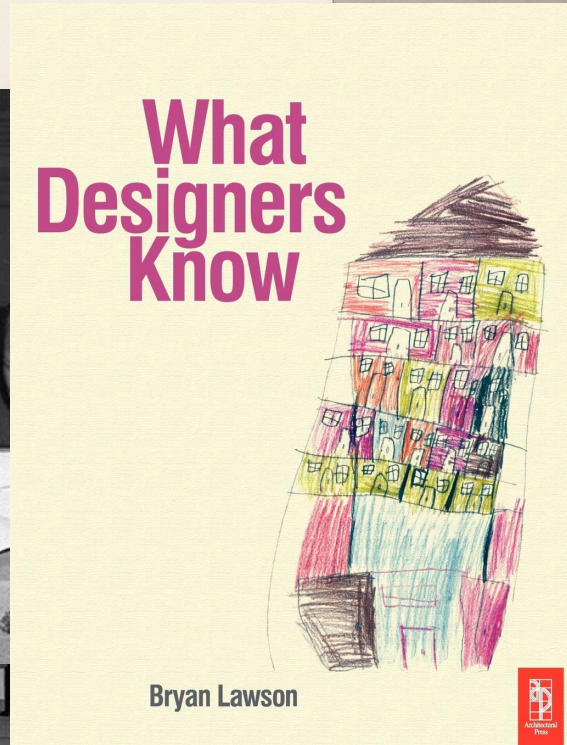
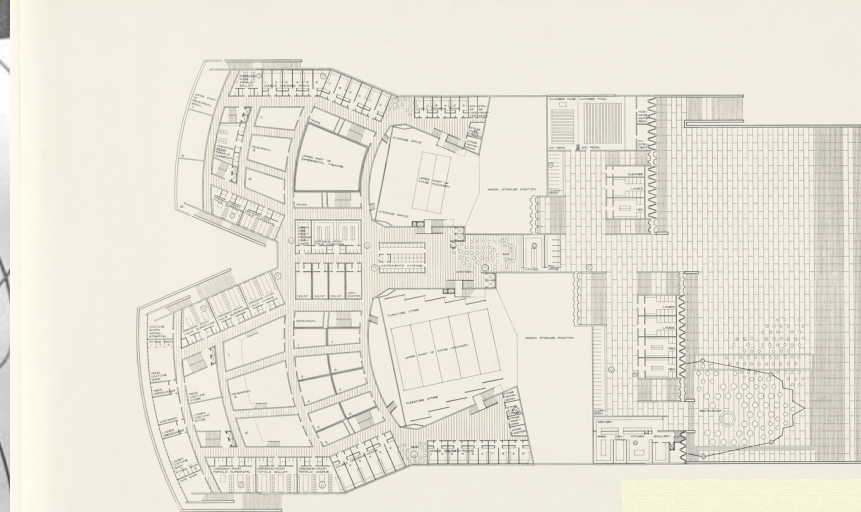
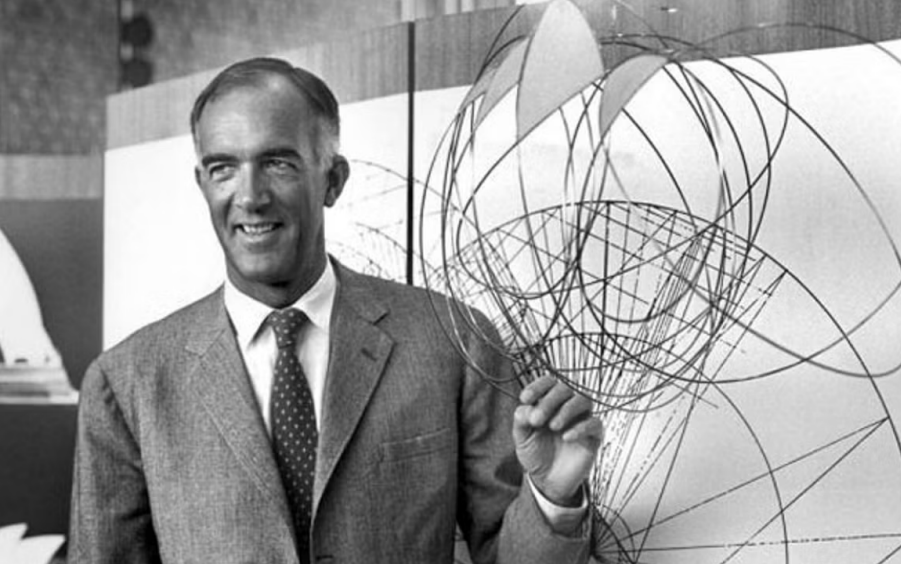
*Nosso foco aqui no PPGDP da
UTFPR é compreender
pensamento, imagem e palavra no
contexto da transformação
estrutural da realidade.*



A escrita da palavra no design (ex: tipografia) codifica apenas uma parte ínfima da escrita do mundo.



Se você ler atentamente um objeto de design, logo encontrará diversos conhecimentos codificados.

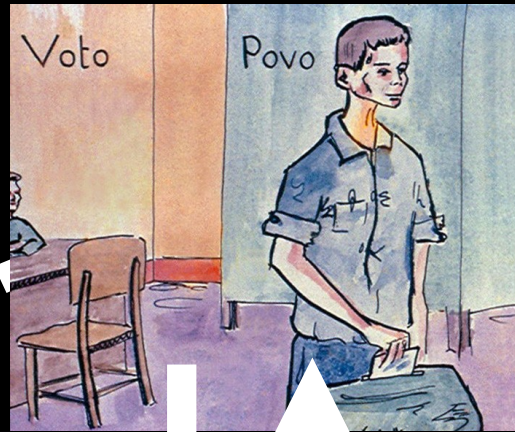


Porém, é o processo de escrita do mundo que revela a codificação das contradições na cultura material.



Na minha pesquisa de doutorado (2015), eu descobri que o pensamento visual codifica contradições em objetos de design mesmo antes deles serem construídos.

Método Paulo Freire



TEXTO

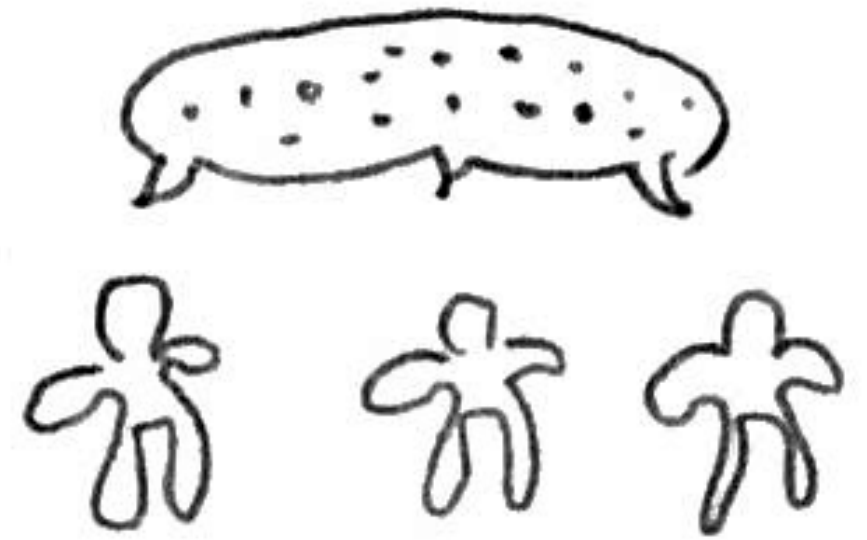
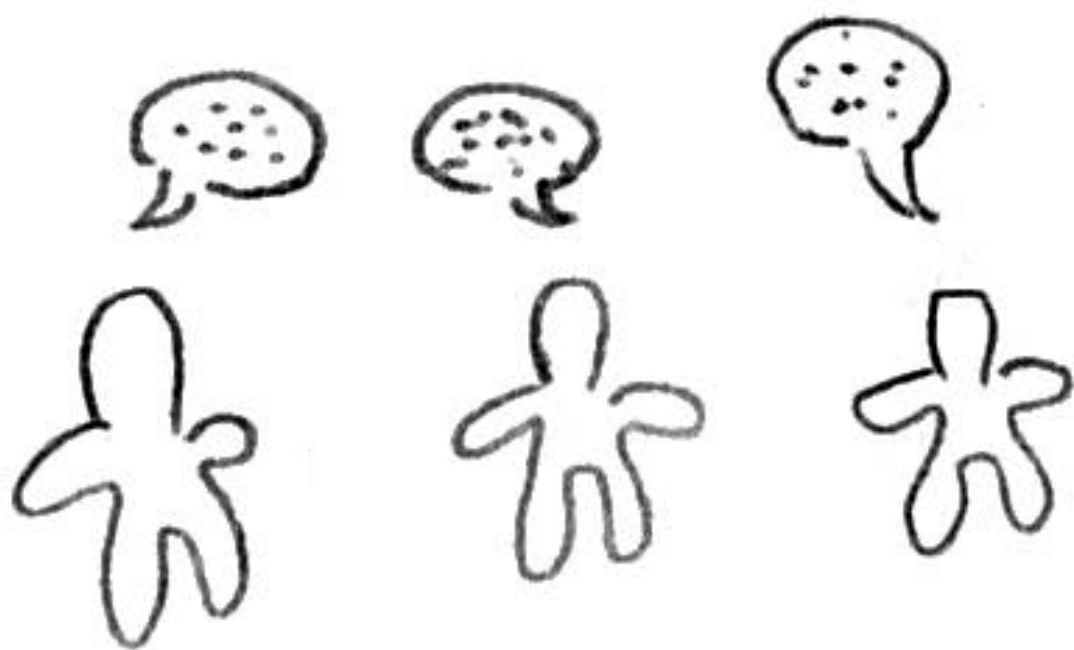
CONTEXTO

Design Expansivo

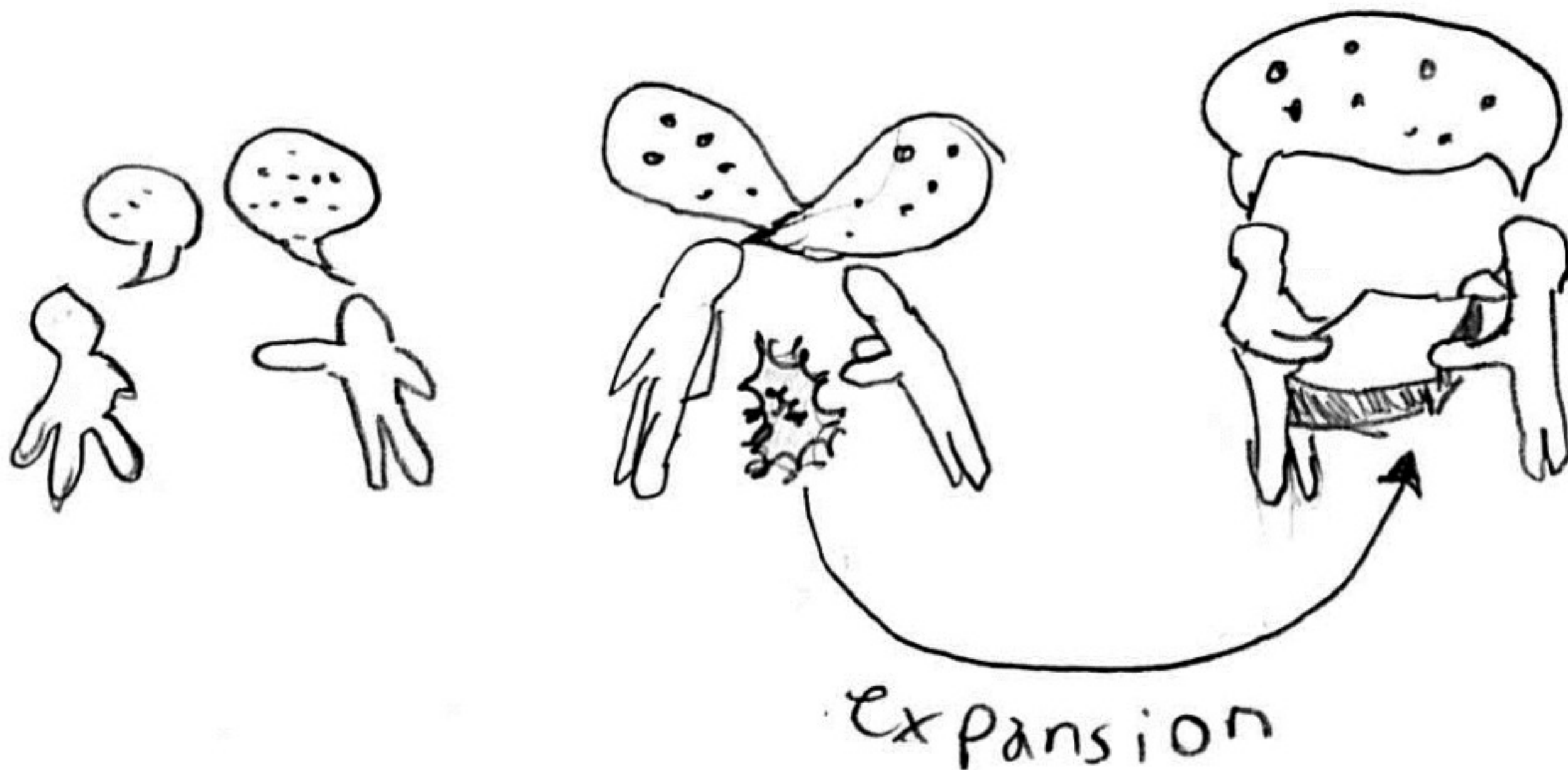


DESIGN

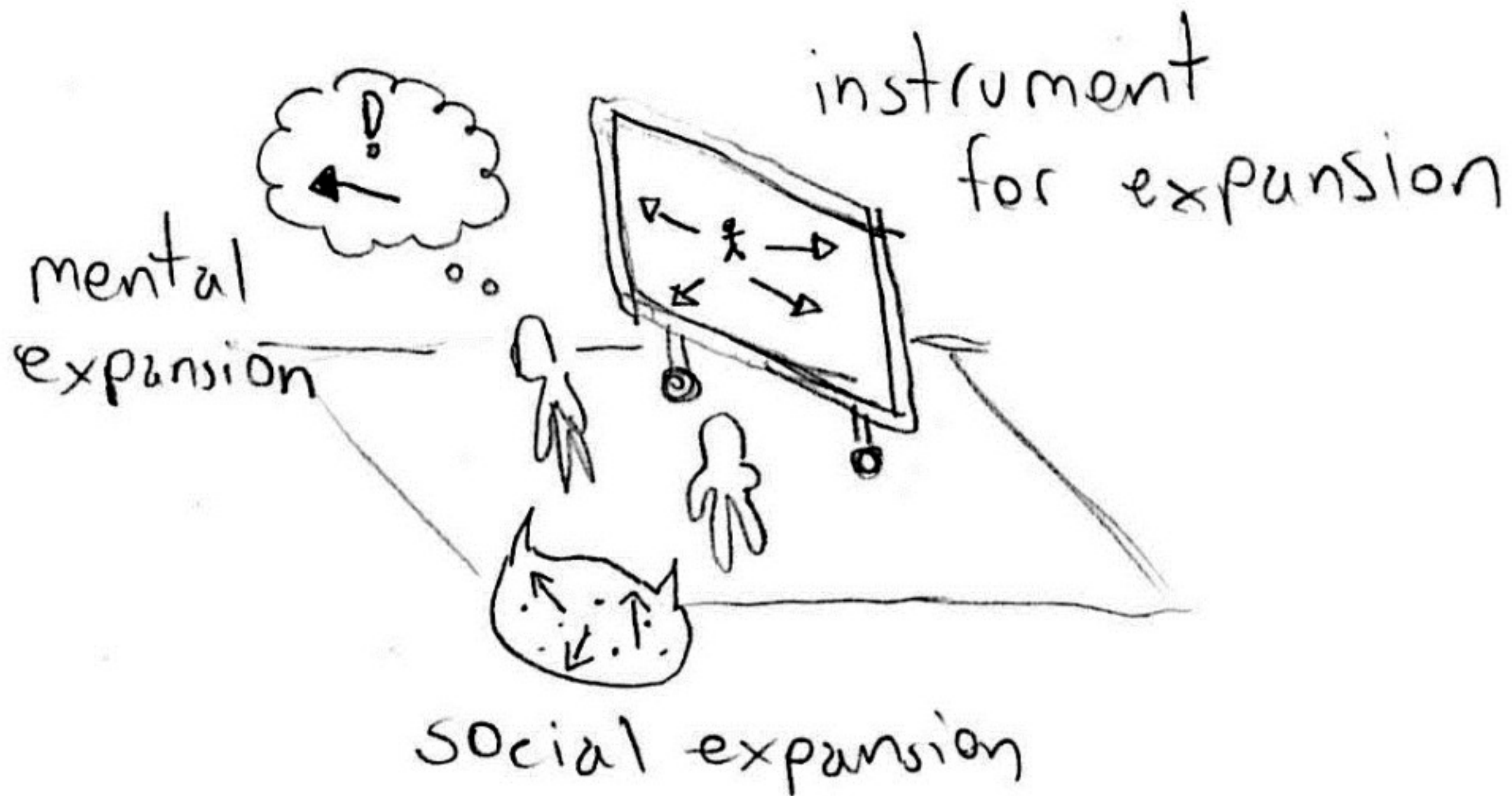
CODESIGN



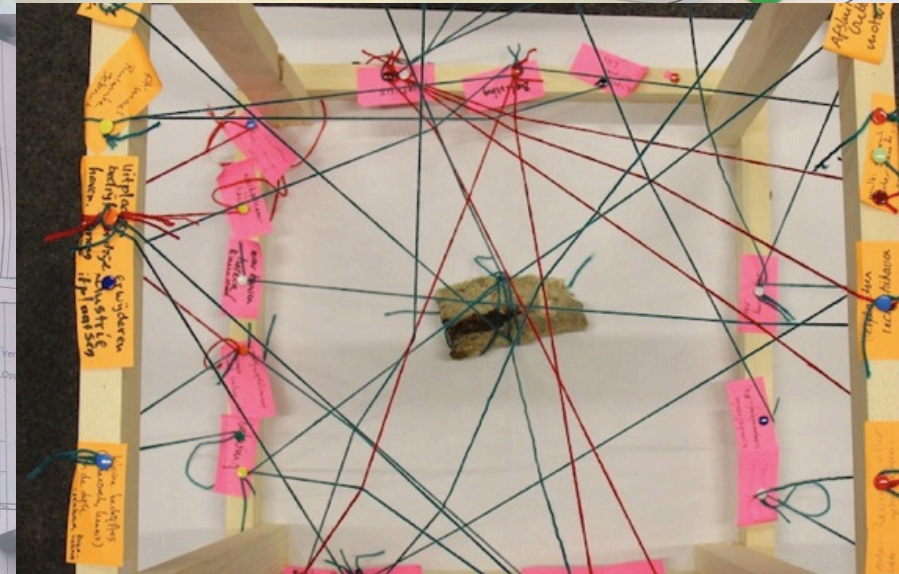
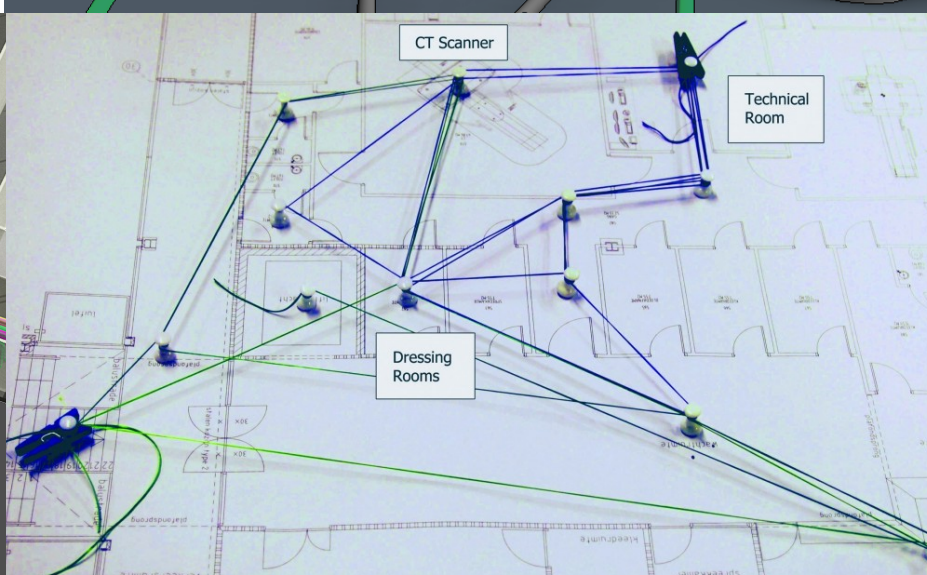
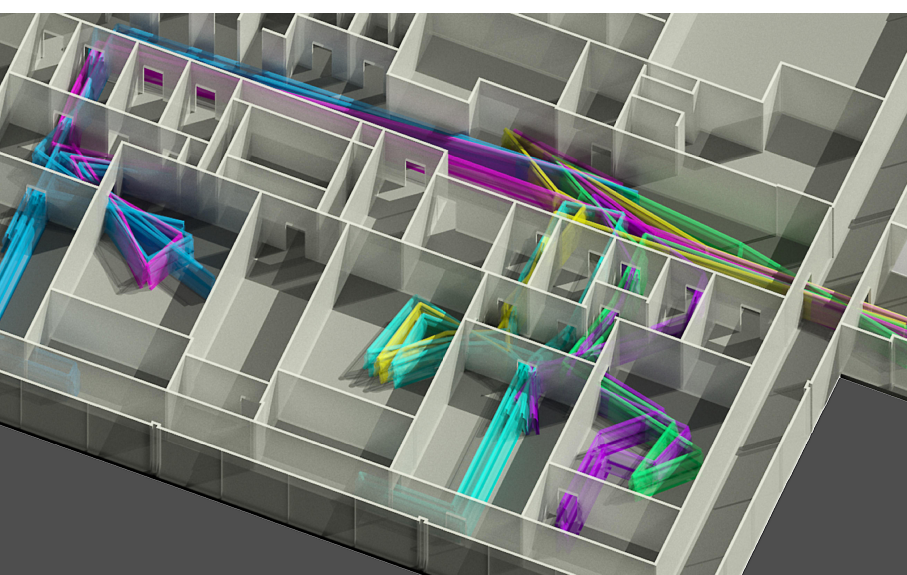
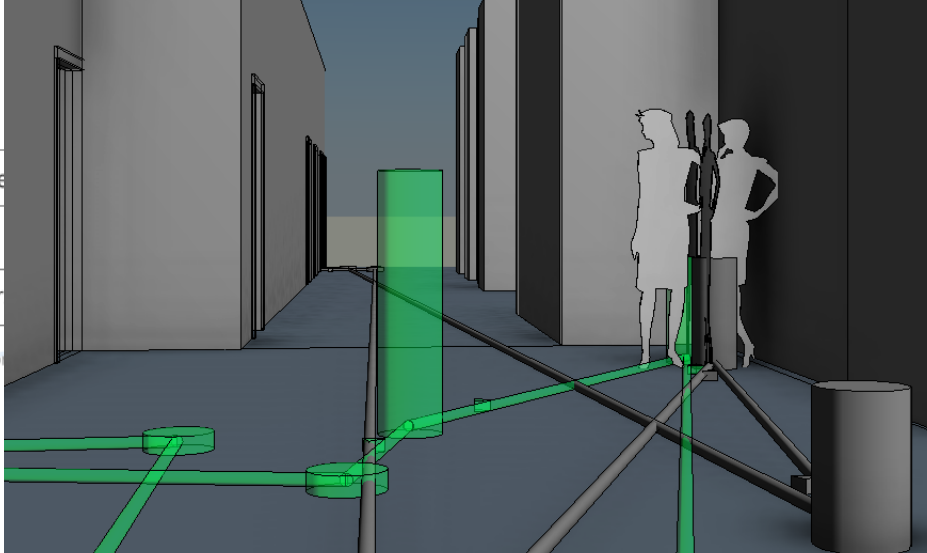
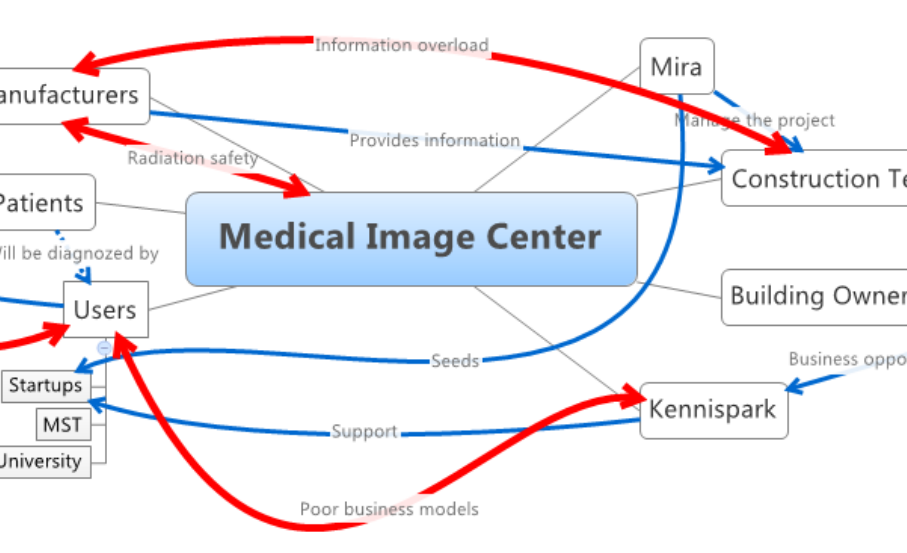
Todo design emerge de um espaço abstrato de possibilidades que pode ou não ser compartilhado.



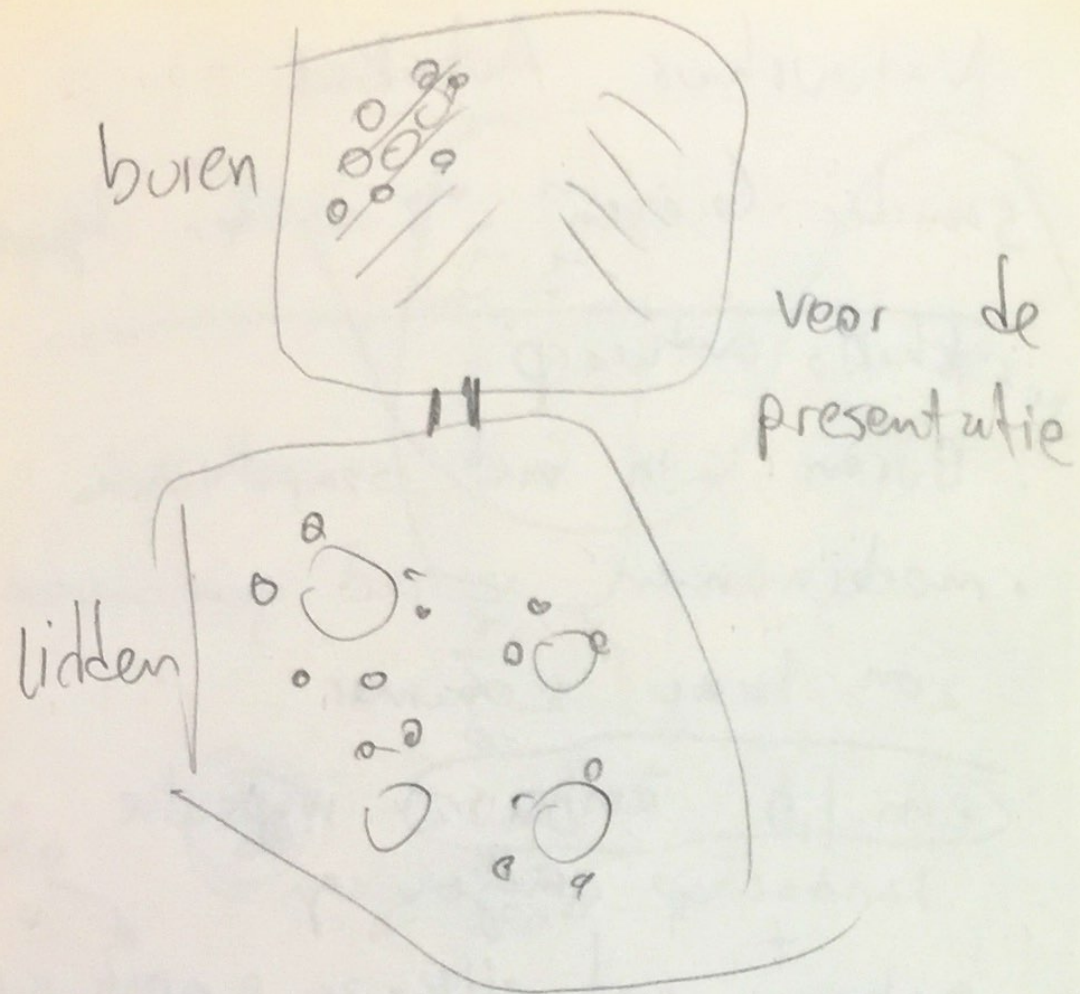
Quando esse espaço é compartilhado, surgem conflitos que podem ou não expandir esse espaço (criar possibilidades).



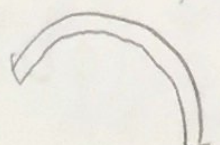
O pensamento visual desempenha um papel fundamental para entender e resolver tais conflitos.



Nas intervenções que realizei na Holanda, produzi diversos instrumentos visuais para pensar junto no codesign.



"Mensen zal harder vragen!"
 Koop beheerd, ^{stroballen} reiken of niet?
 smuk, sommige ^{verbet} plastiek
 muisen? geen eten
 steenmazen - gymba

stroballen is niet goedkoop
 de afwerking is duur
 is dit geschikt voor rondjes?
 ja, organisch vorm 
 vrijwilliger kunnen het maken?
 ja, iemand die is verstand
 draag is heel belangrijk
 glas niet met strobaleen
 bezoekers naast zijn geschikt
 met stroballen

Switserland voorbeeld heel
 moderne met stroballen
 regelen in het bouw process
 beste in het zomer bouwen

As contradições encontradas apareciam primeiro nos meu
 diário gráfico em anotações visuais.



Hearing

homogeneous
urban
form
desorientmental
x
bodily

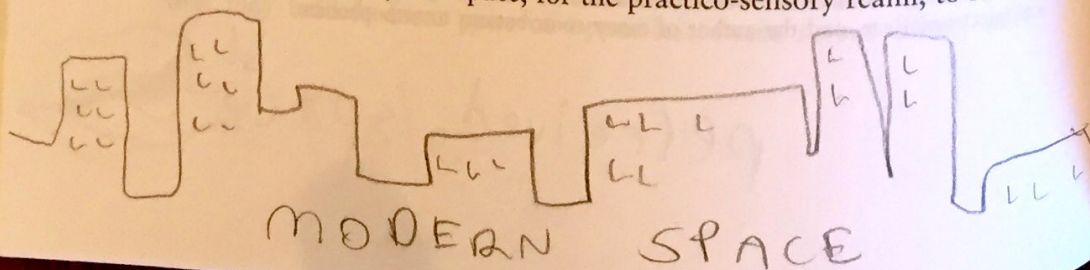
as seen, and heard before it comes into view. The perceptions of one ear differ from those of the other. This difference puts the child on alert, and lends volume and physical density to the messages it receives. The hearing thus plays a mediating role between the spatial body and the localization of bodies outside it. The organic space of the ear, which is brought into being through the child's relationship with its mother, is thus extended to sounds from beyond the sphere of that relationship – to other people's voices, for example. Hearing-disturbances, likewise, are accompanied by disturbances in lateralization in the perception of both external and internal space (dyslexias, etc.).

A homogeneous and utterly simultaneous space would be strictly imperceptible. It would lack the conflictual component (always resolved, but always at least suggested) of the contrast between symmetry and asymmetry. It may as well be noted at this juncture that the architectural and urbanistic space of modernity tends precisely towards this homogeneous state of affairs, towards a place of confusion and fusion between geometrical and visual which inspires a kind of physical discomfort. Everything is alike. Localization – and lateralization – are no more. Signifier and signified, marks and markers, are added after the fact – as decorations, so to speak. This reinforces, if possible, the feeling of desertedness, and adds to the malaise.

This modern space has an analogical affinity with the space of the philosophical, and more specifically the Cartesian tradition. Unfortunately it is also the space of blank sheets of paper, drawing-boards, plans, sections, elevations, scale models, geometrical projections, and the like. Substituting a verbal, semantic or semiological space for such a space only aggravates its shortcomings. A narrow and desiccated rationality of this kind overlooks the core and foundation of space, the total body, the brain, gestures, and so forth. It forgets that space does not consist in the projection of an intellectual representation, does not arise from the visible-readable realm, but that it is first of all heard (listened to) and enacted (through physical gestures and movements).

A theory of information that assimilates the brain to an apparatus for receiving messages puts that organ's particular physiology, and its particular role in the body, in brackets. Taken in conjunction with the body, viewed *in its body*, the brain is much more than a recording-machine or a decoding-mechanism. (Not, be it said, that it is merely a 'desiring-machine' either.) The total body constitutes, and produces, the space in which messages, codes, the coded and the decoded – so many choices to be made – will subsequently emerge.

The way for physical space, for the practico-sensory realm, to restore

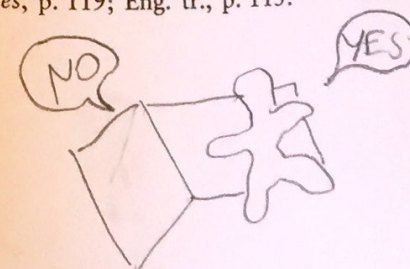


or reconstitute itself is therefore by struggling against the *ex post facto* projections of an accomplished intellect, against the reductionism to which knowledge is prone. Successfully waged, this struggle would overturn the Absolute Truth and the Realm of Sovereign Transparency and rehabilitate underground, lateral, labyrinthine – even uterine or feminine – realities. An uprising of the body, in short, against the signs of non-body: 'The history of the body in the final phase of Western culture is that of its rebellions.'²³

Indeed the fleshly (spatio-temporal) body is already in revolt. This revolt, however, must not be understood as a harking-back to the origins, to some archaic or anthropological past: it is firmly anchored in the here and now, and the body in question is 'ours' – our body, which is disdained, absorbed, and broken into pieces by images. Worse than disdained – ignored. This is not a political rebellion, a substitute for social revolution, nor is it a revolt of thought, a revolt of the individual, or a revolt for freedom: it is an elemental and worldwide revolt which does not seek a theoretical foundation, but rather seeks by theoretical means to rediscover – and recognize – its own foundations. Above all it asks theory to stop barring its way in this, to stop helping conceal the underpinnings that it is at pains to uncover. Its exploratory activity is not directed towards some kind of 'return to nature', nor is it conducted under the banner of an imagined 'spontaneity'. Its object is 'lived experience' – an experience that has been drained of all content by the mechanisms of diversion, reduction/extrapolation, figures of speech, analogy, tautology, and so on. There can be no question but that social space is the locus of prohibition, for it is shot through with both prohibitions and their counterparts, prescriptions. This fact, however, can most definitely not be made into the basis of an overall definition, for space is not only the space of 'no', it is also the space of the body, and hence the space of 'yes', of the affirmation of life. It is not simply a matter, therefore, of a theoretical critique, but also of a 'turning of the world upon its head' (Marx), of an inversion of meaning, and of a subversion which 'breaks the tablets of the Law' (Nietzsche).

The shift, which is so hard to grasp, from the space of the body to the body-in-space, from opacity (warm) to translucency (cold), somehow facilitates the spiriting-away or scotomization of the body. How did this magic ever become possible – and how does it continue to be possible? What is the foundation of a mechanism which thus abolishes the foundations? What forces have been able in the past – and continue to be

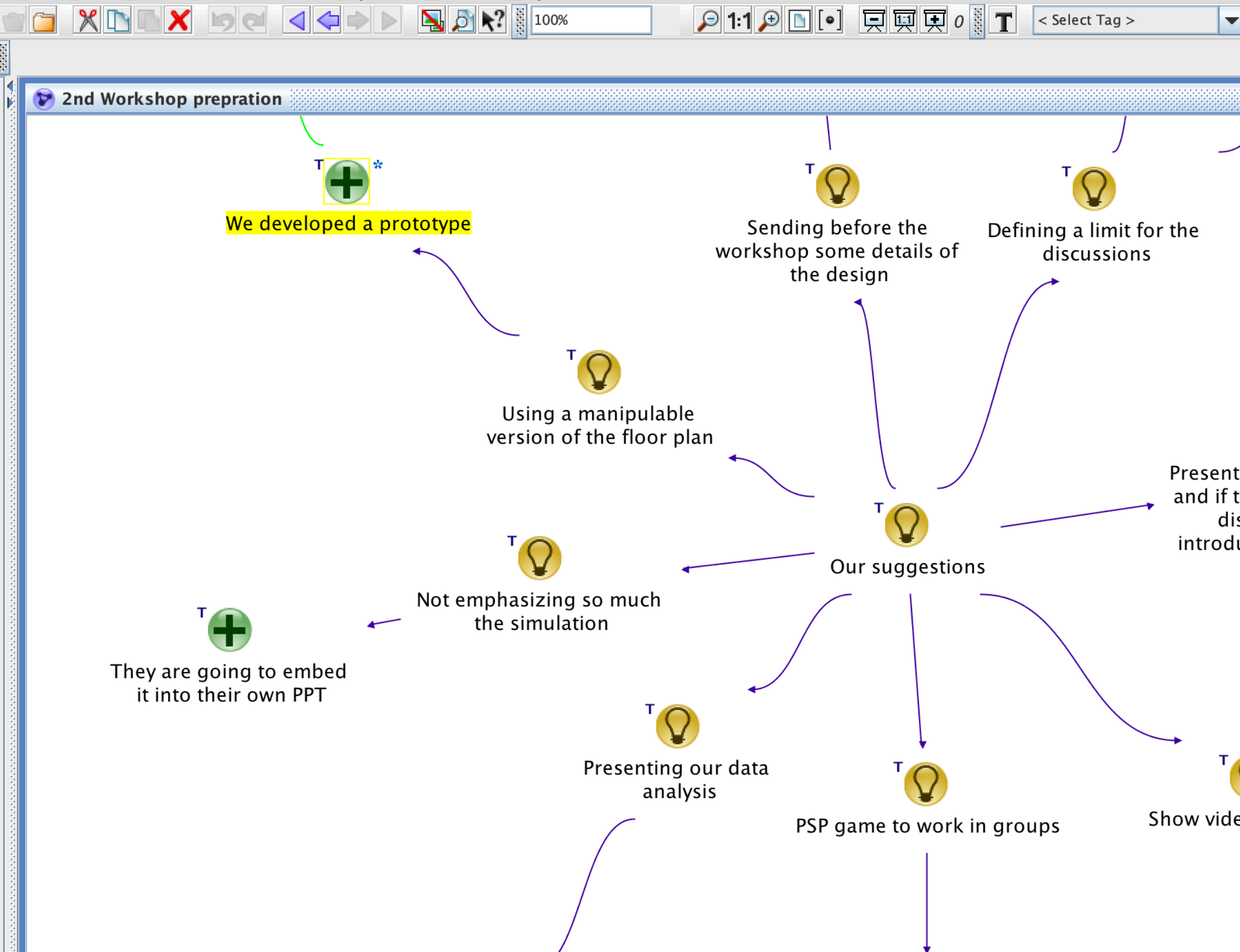
²³ Paz, *Conjunciones*, p. 119; Eng. tr., p. 115.



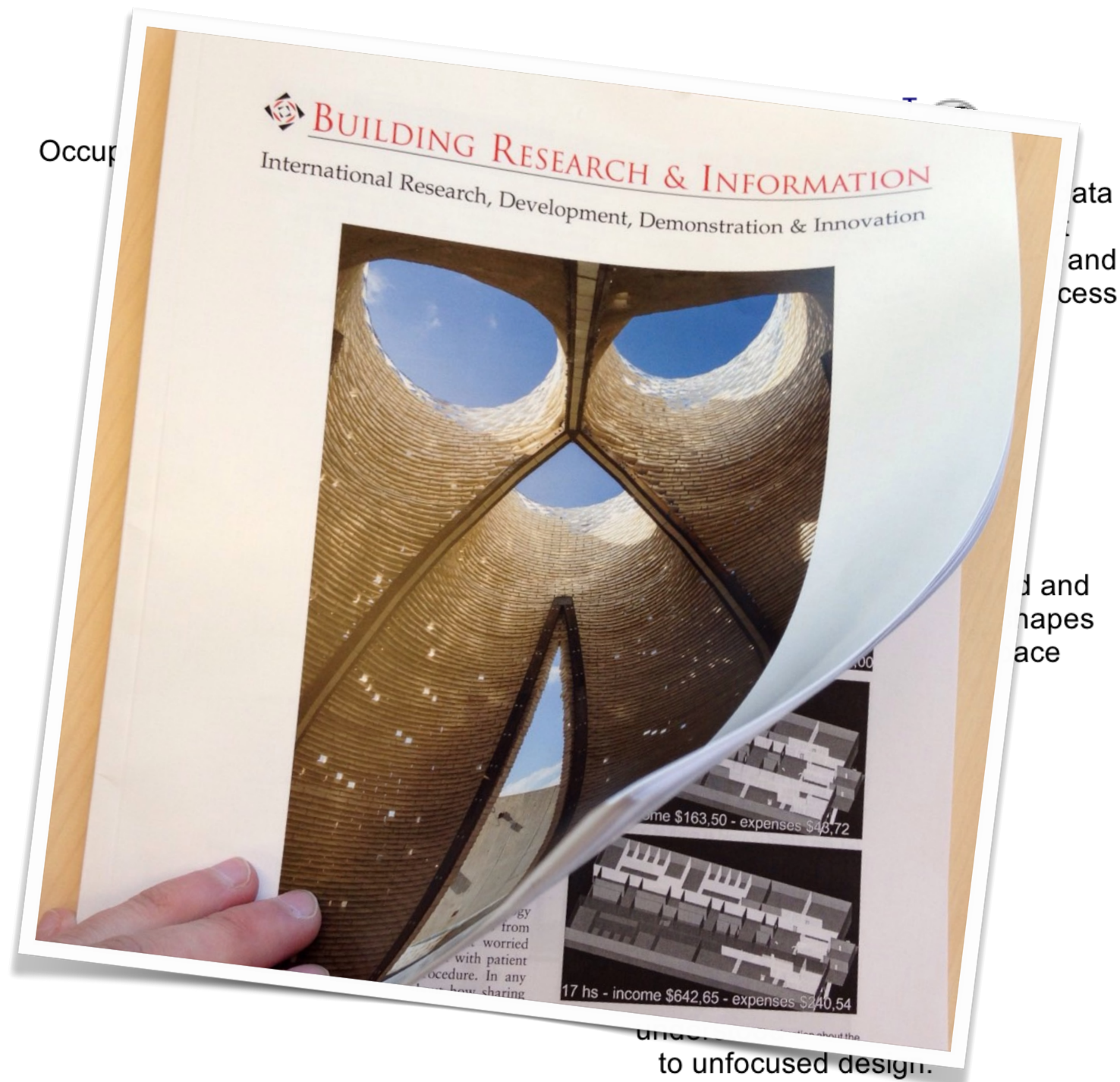
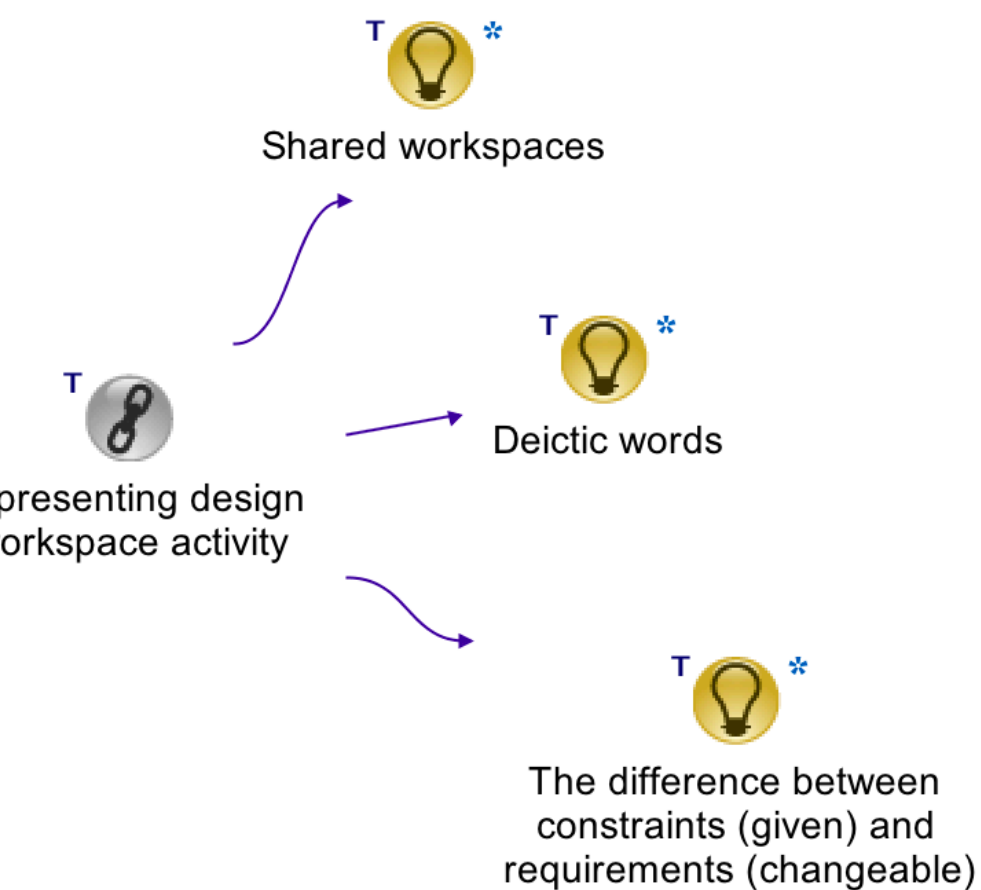
Depois, nas anotações visuais que fazia nos livros que lia.



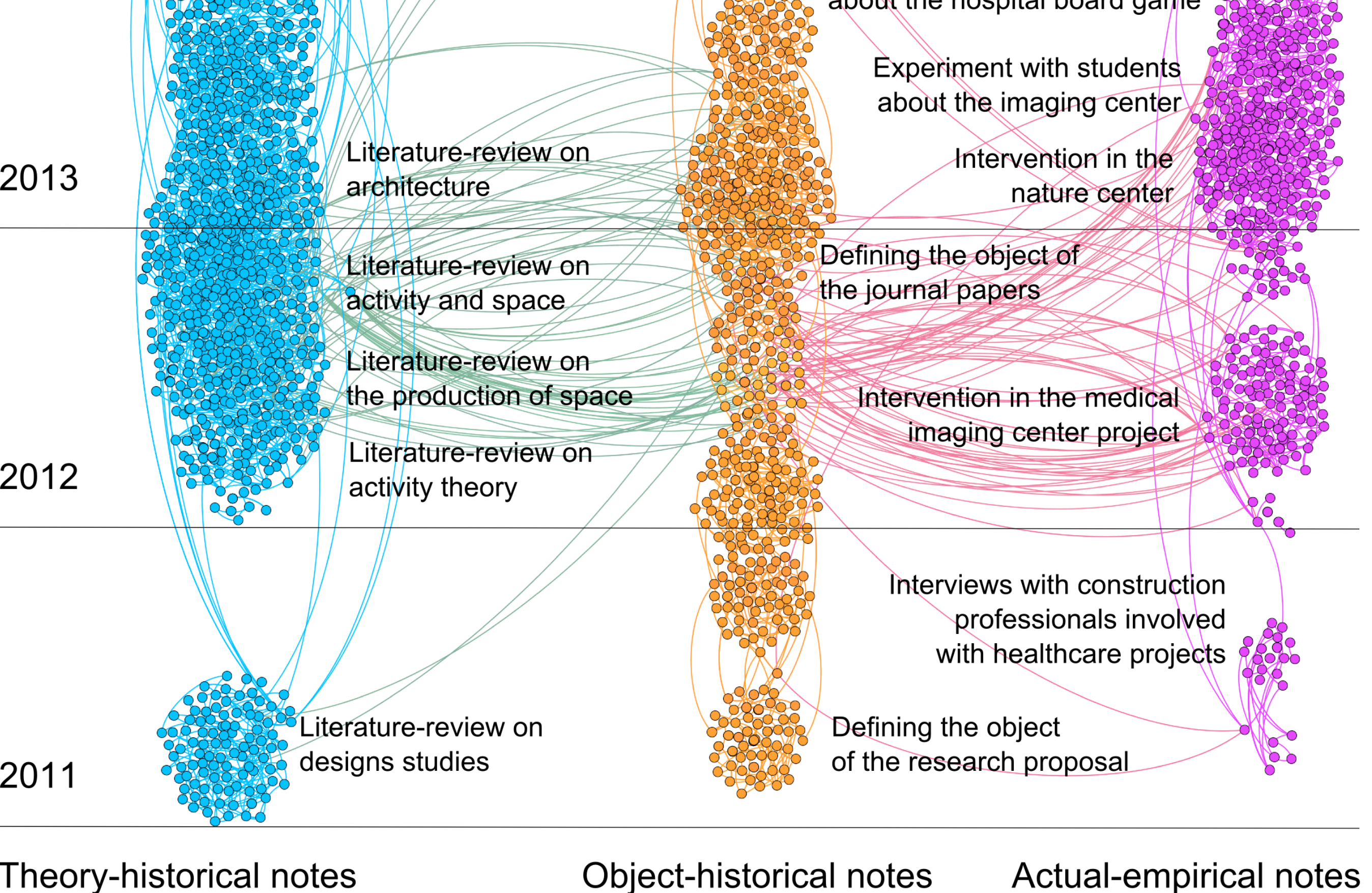
A leitura da palavra reenquadrava minhas leituras do mundo, promovendo novas leituras e releituras.



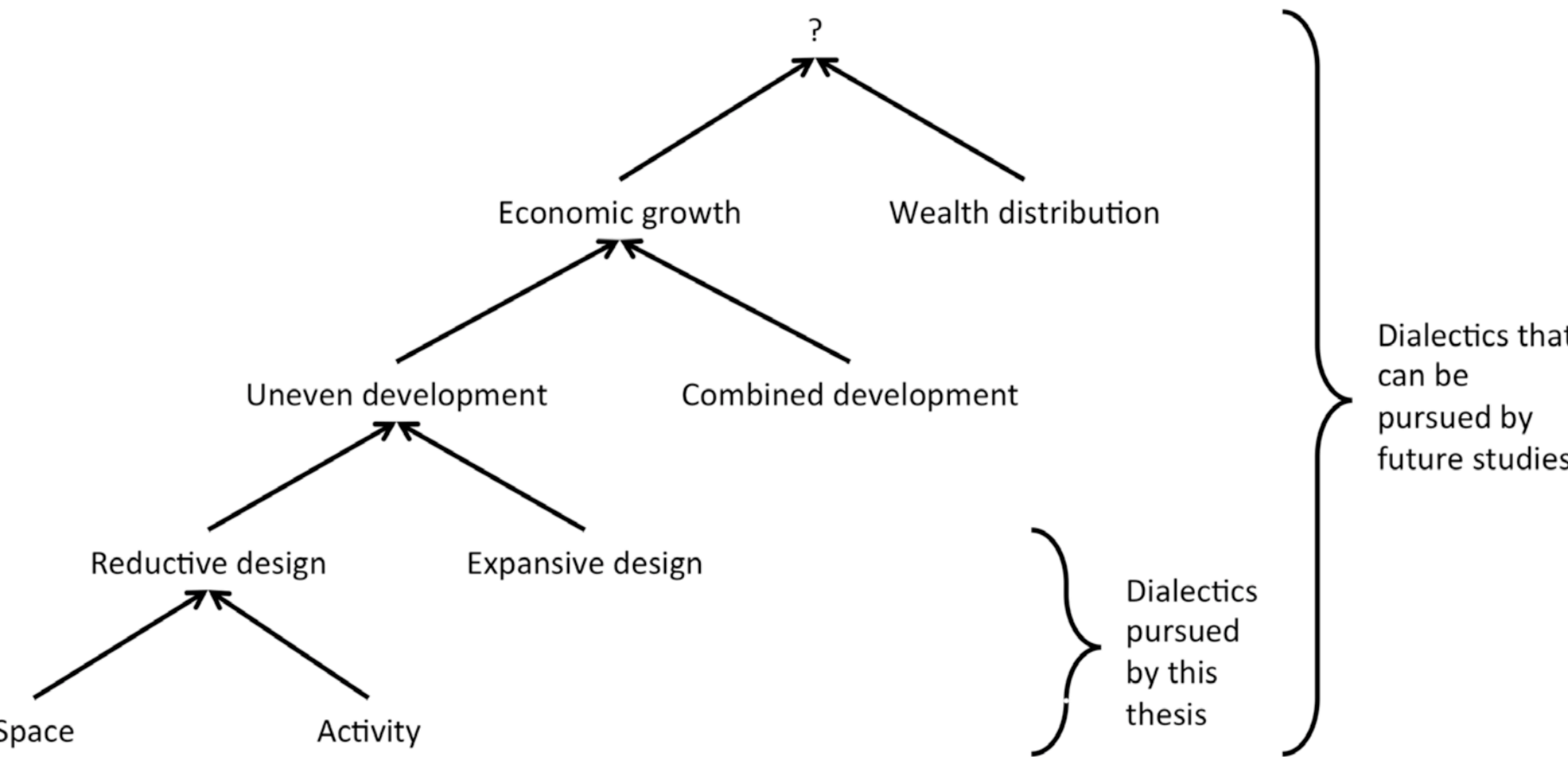
As leituras mais relevantes eram documentadas em um Issue-Based Information System (IBIS), o Compendium.



O rearranjo das palavras anotadas era o meu primeiro passo na escrita de artigos acadêmicos.



Os dados exportados do Compendium me permitiram fazer uma leitura histórica de como me fiz doutor.



Minha tese capturou algumas, mas não todas, as contradições daquela sociedade (Van Amstel, 2015, p.181).

O *Design Prospectivo*
encara justamente as
contradições estruturais
que o design expansivo
não conseguiu alcançar e
também as que nem
chegou a conceitualizar.

*Em sintonia com Paulo Freire, no
Design Prospectivo, a escrita da
palavra, é só um meio, não um
fim, para a escrita do mundo.*

Leitura da
palavra

Leitura do
mundo

Escrita do
mundo

Escrita da
palavra



*Em sintonia com Lev Vygotsky, no
Design Prospectivo, consideramos o
pensamento visual como uma
mediação fundamental entre a leitura
e a escrita da palavra-mundo.*

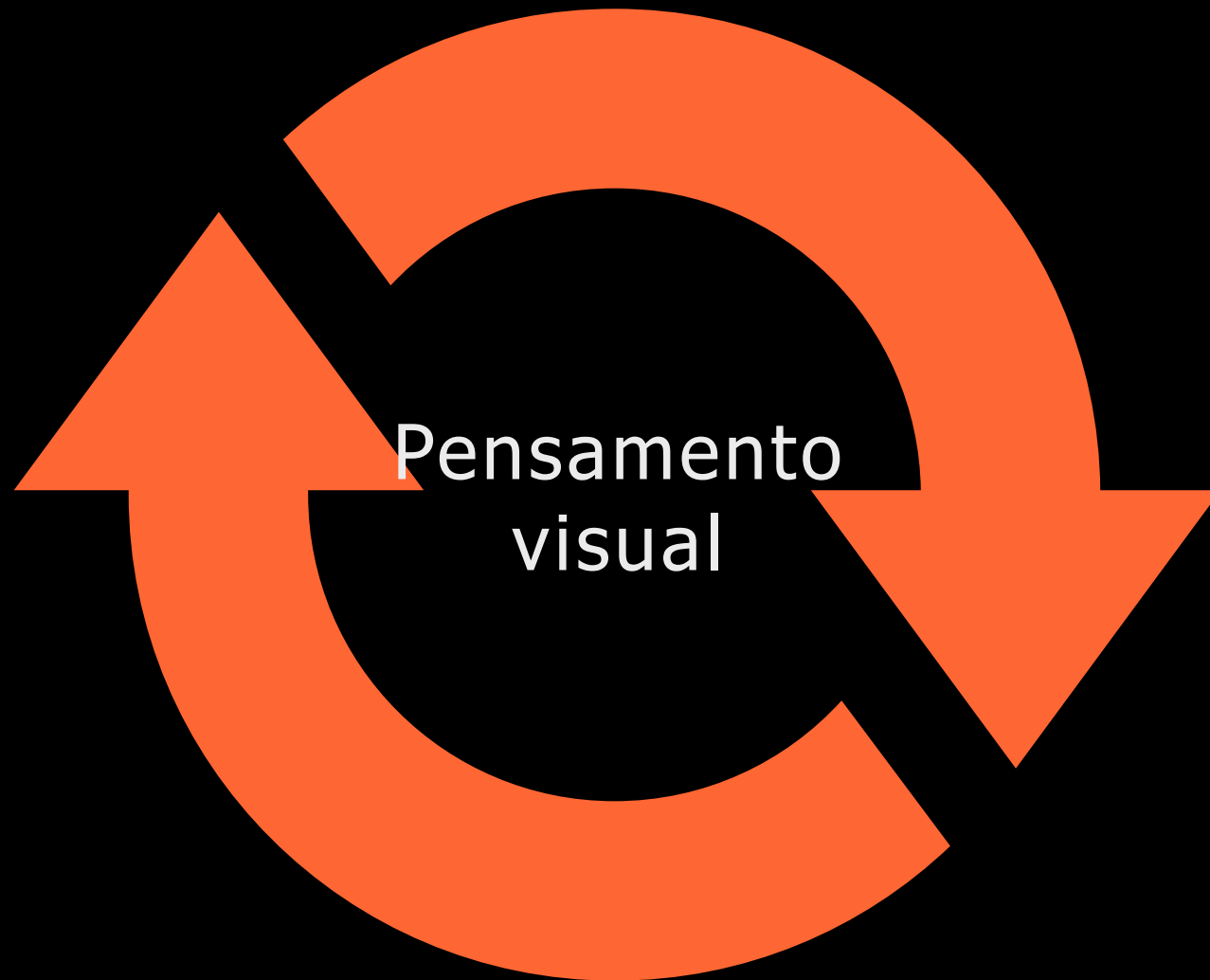
Leitura da
palavra

Leitura do
mundo

Escrita do
mundo

Pensamento
visual

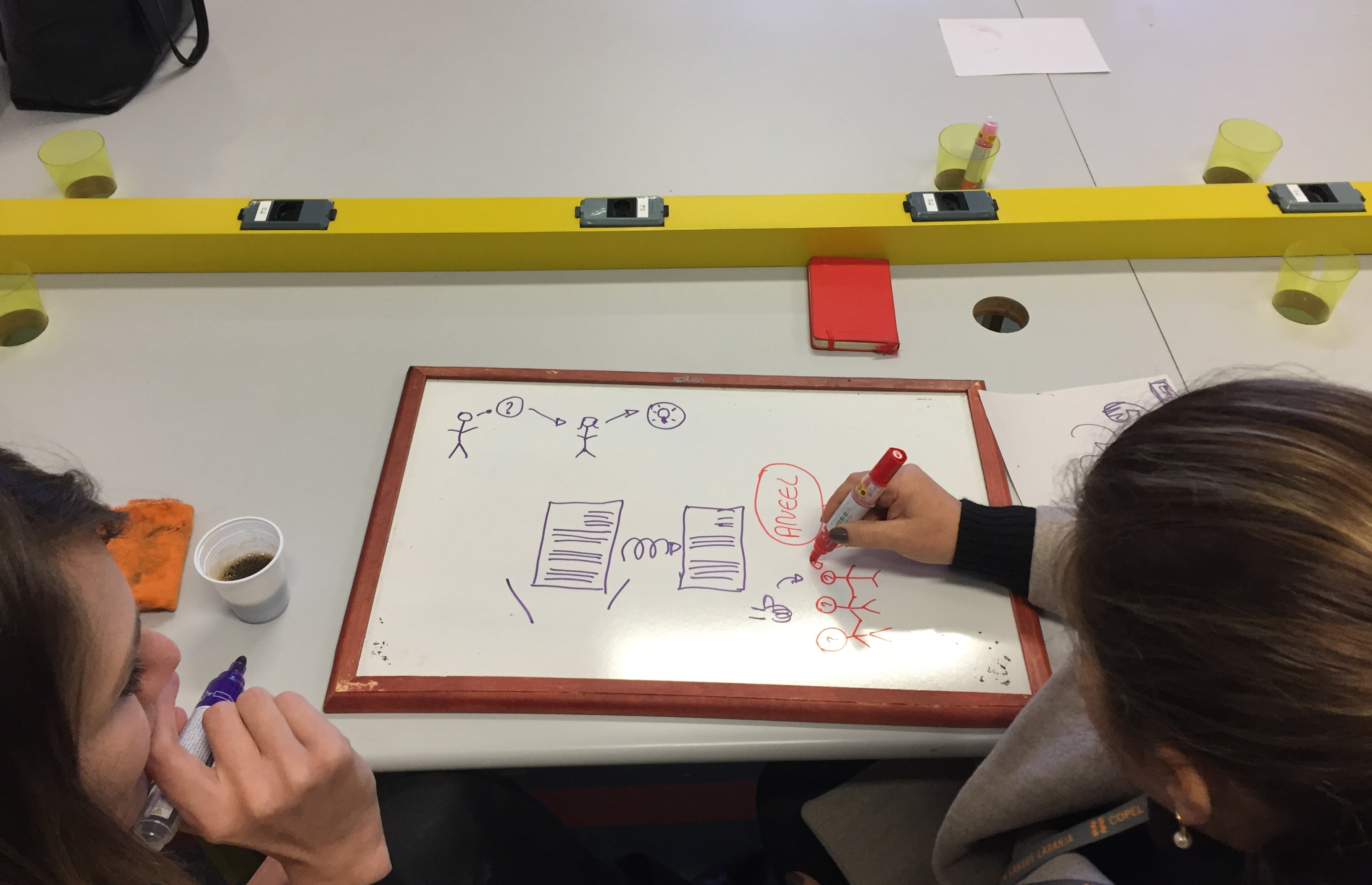
Escrita da
palavra



*EXERCÍCIOS DE
PENSAMENTO VISUAL
PROSPECTIVO*

Desenhção

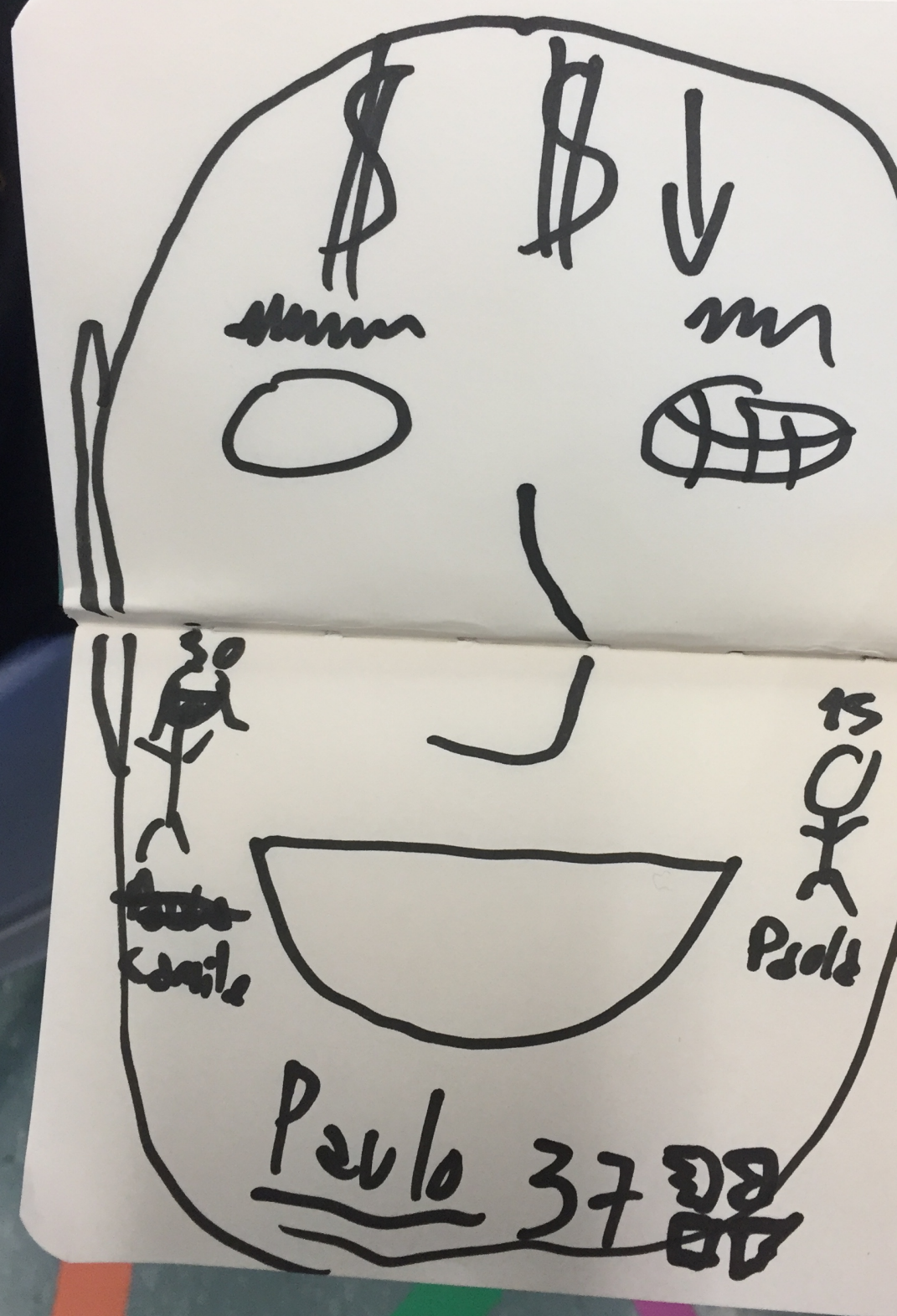
- Conversar em vários modos, alternados pelo sinal dado pelo facilitador
- Modo 1: Fala
- Modo 2: Gesticula
- Modo 3: Desenha
- A conversa deve ser fluida e continuar mesmo com a mudança de modo



O pensamento visual é um facilitador de conversas, materializando a memória compartilhada.

Reconhecimento Visual

1. Sentar-se com uma pessoa que você não conhece
2. Uma pessoa se apresenta enquanto a outra ouve e desenha
3. O desenho deve tentar capturar tudo o que a pessoa diz sobre seu mundo
4. Ao final, inverte-se quem ouve e quem desenha
5. Apresentá-la para outra pessoa com o desenho



O Reconhecimento Visual pode ser feito com representações realistas, simbólicas e abstratas.

Jogo da Mente Poluída

1. Formar duplas
2. Um jogador desenha algo aparentemente sem sentido
3. Quando termina, a outra tenta encontrar sentidos (ganhando 1 ponto cada um que for aceito)
4. Esgotado os sentidos do leitor, é a vez do desenhista dar seus sentidos
5. Troca o desenhista

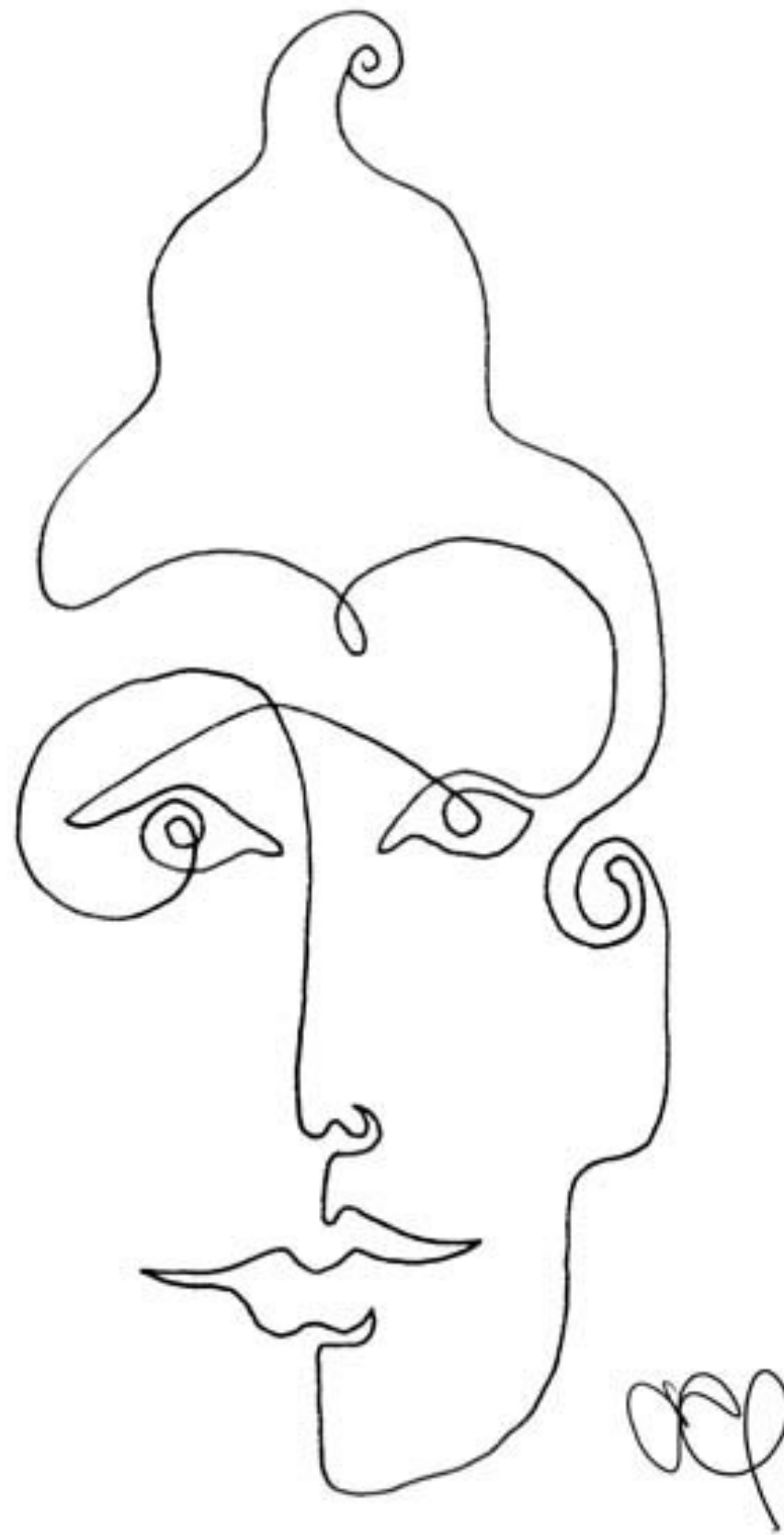


Quanto mais abstrata a representação, mais sentidos diferentes o desenho pode ancorar.

*A dificuldade maior para
desenhar não é a coordenação
motora. É a coordenação do
pensamento visual.*

Desenho automático

1. Escolher um objeto que esteja ao seu redor
2. Colocar a caneta em cima do papel e não retirar
3. Desenhar o objeto movendo apenas a folha de papel
4. O resultado é um desenho de observação baseado em regras



A concretude do movimento limitado acaba gerando uma
abstração curiosa do objeto.

*Representações abstratas
construídas a partir de métodos
concretos podem capturar
contradições da realidade.*

Jogo dos 15...

- Cada jogador escolhe um número entre 1 e 9 no seu turno
- Os números não podem ser repetidos
- O primeiro que somar 15 ganha
- Desenhe um tabuleiro para esse jogo

...mesma coisa que: jogo da velha

- Cada jogador escolhe uma posição no seu turno
- As posições não podem ser repetidas
- O primeiro que marcar três posições em linha ganha

4	3	8
9	5	1
2	7	6

...mesma coisa que: jogo da velha

- Cada jogador escolhe uma posição no seu turno
- As posições não podem ser repetidas
- O primeiro que marcar três posições em linha ganha

4	3	8
9	5	1
2	7	6

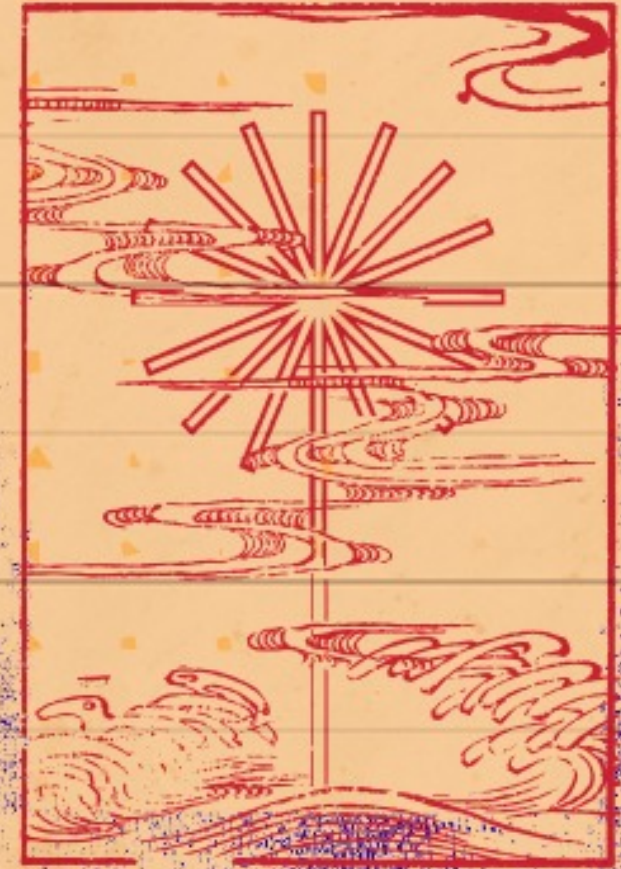
*A leitura da palavra
expande, mas não substitui a
leitura do mundo.*

*O pensamento visual conecta a
palavra com o mundo de modo
que ambos sejam prospectivos.*

GRUPO DE ESTUDOS
EM CURADORIA **APRESENTA**

escrever sobre areia

EXPOSIÇÃO DO
ACERVO ESTOPIM



abertura

15.08.2025

18h30 — 22h

18/08 a 03/10/25, ter-sex 13:00 - 18:00
Alfaiataria Espaço de Artes

10

motivos para valorizar o livro

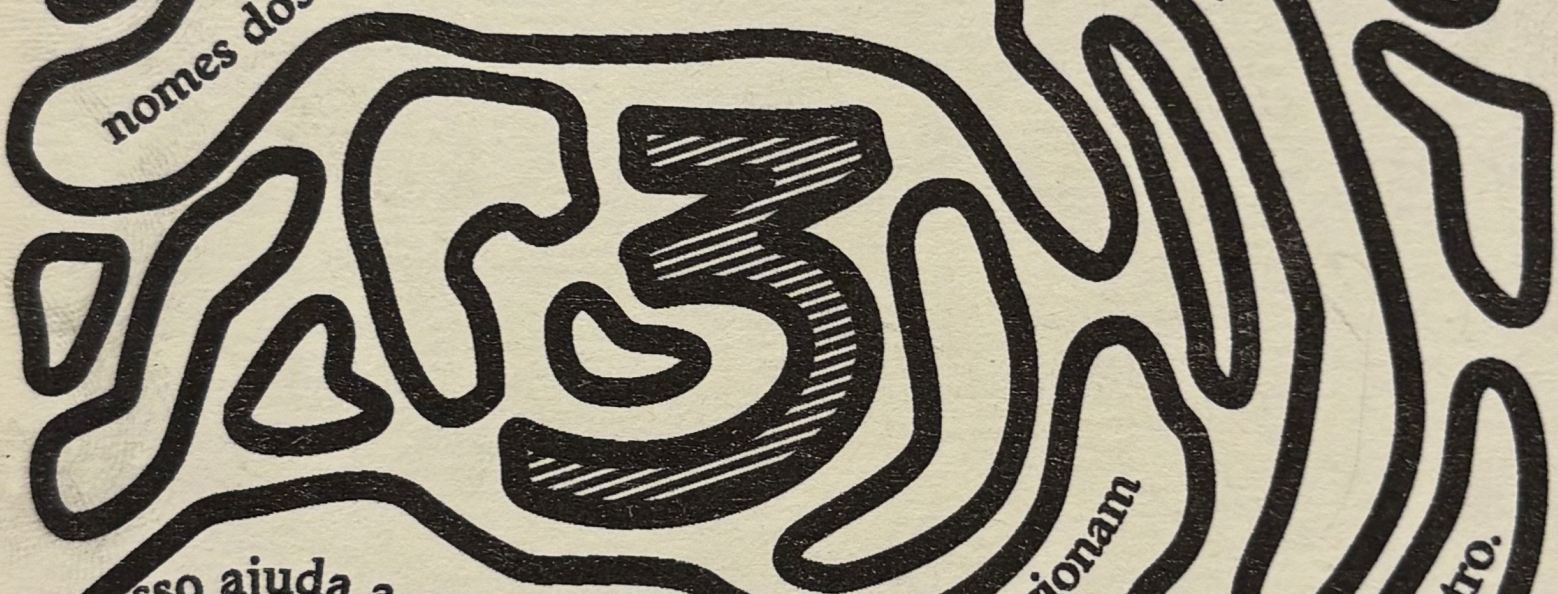
Uma *apologia pro vita mia* de um
bibliotecário – defesas racionais
para a continuidade da existência
do código impresso.

Umas das obras vistas na abertura da exposição.

LIVROS RETÊM EVIDÊNCIAS

Essas formas de evidência incluem:

nomes dos proprietários; anotações.



Isso ajuda a entender como os livros funcionam

como posses e ferramentas de aprendizado

e como eles viajam de um proprietário ou leitor para outro.



PAULO FREIRE PROFESSORA, SIM; TIA, NÃO

PROFESSORA,
SIM; TIA, NÃO
CARTAS A QUEM
DUSA ENSINAR

Paulo
Freire

PEQUENA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Paulo Freire



*Que livro/ mundo você vai ler,
pensar e escrever e com quem?*

Referências

Freire, P. (1982). A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. Cortez editora.

Arnheim, R. (1969). Visual thinking. Univ of California Press.

McKim, R. H. (1972). Experiences in visual thinking.

Brand, W. (2017). Visual thinking: Empowering people & organizations through visual collaboration.

Freire, P. In: SECERN, Conceito de cultura (documento que trata do relato de experiência dos coordenadores do movimento em Angicos). Acervo do Instituto Paulo Freire, 1963. <https://www.acervo.paulofreire.org/items/41e9be0a-571d-4185-93c9-533a15937600>

Padovani, S. Bueno, J. Representações Gráficas de Síntese: um guia para aplicação de dinâmicas de desenho colaborativo em cursos de Design e áreas afins. <https://10.13140/RG.2.2.15297.67685/>

Loukissas, Y. (2012). Co-designers: cultures of computer simulation in architecture. Routledge.

Lawson, B. (2012). What designers know. Routledge.

Van Amstel, Frederick M.C. (2015) Expansive design: designing with contradictions. Doctoral thesis, University of Twente. <https://doi.org/10.3990/1.9789462331846>

Obrigado!

Frederick van Amstel @usabilidoido
Programa de Pós-Graduação em Design Prospectivo
PPGDP - UTFPR